UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA

Jornal da UFU

www.ufu.br | setembro a dezembro de 2015 | número 164

Grande Otelo

O CENTENÁRIO DE SEBASTIÃO

Pesquisa

A UFU vai à Antártica

Segurança

Violência e cultura do medo levou a UFU a planejar políticas

Esporte

28 delegações competem em Olimpíada Universitária

EDITORIAL

É preciso lembrar para não esquecer

Não há como negar, neste fim de ano, a crise pela qual passa o país. Crise econômica, social e política que atinge a sociedade como um todo, inclusive as universidades públicas. O ano de 2015 foi, para a UFU, de contenção de gastos. Não existe um único funcionário ou discente dessa instituição que não tenha sentido os seus reflexos. Porém, frente a outras universidades que estão praticamente paralisadas, conseguimos atravessar essa fase sem grandes percalços. Sabemos que, em 2016, ainda se avizinham dificuldades a serem enfrentadas, mas o que nos motiva a pensar com esperança em dias melhores são a discussão do Plano de Desenvolvimento Institucional (Pide) e o processo Estatuinte - ambos com ampla participação da comunidade universitária, preocupada com o futuro da UFU.

Outro ponto a se considerar é a comemoração dos 100 anos de Grande Otelo. Se, por um lado, esses marcos comemorativos nacionais são importantes para dar visibilidade a figuras que se destacaram no cenário cultural, por outro, há que se lamentar o descaso e a omissão de tão relevante personagem. É de se estranhar que os 100 anos não se refiram a Grande Otelo, mas a Sebastião Prata. Começa daí o grande imbróglio entre o homem e o personagem, cujo centenário só se completaria em 1935, quando se lança na carreira artística.

Ator, poeta, jornalista, produtor, compositor. A história do menino prodígio de Uberabinha é apropriada pela indústria cultural que, por meio da própria imprensa e das mídias sociais, criam a bricolagem do homem e do personagem. Como produto cultural, Prata foi destituído de sua subjetividade e confundido de propósito, mesmo que deixe claro, em entrevistas e poemas, a sua luta pela negritude, pelo reconhecimento de seus pares na cena artística brasileira. Católico/umbandista, circula pelos teatros, Praça Onze, Tiradentes e Atlântida revelando seus talentos. Nos teatros de revista, ao lado de nomes como Carmem Miranda, Ari Barroso, Noel Rosa, Marlene, Emilinha, dentre outras, se revela exímio roteirista ao descortinar o Rio de Janeiro para Orson Welles, de quem fica amigo e reconhece a fama internacional com o filme Macunaima, de Joaquim Pedro, pelo qual recebeu um prêmio internacional. A fatalidade o levou a falecer no aeroporto em Paris, antes mesmo da condecoração.

Foi enterrado em Uberlândia, por decisão sua de retonar à terra natal da qual saiu com menos de 10 anos, adotado pela cantora lírica Abagail de Parecis. De concreto, foi adotado duas vezes, inclusive por um jurista que lhe proporcionou educação de bom nível. Rebelde, fugiu, viveu em abrigos até encontrar a boemia das noites cariocas. Conheceu os morros, os sambistas e os intelectuais com os quais convivia. Aposentou-se com uma mísera quantia como servidor público e, longe dos cachês milionários, conheceu uma vida de penúria em que sua arte, hoje reconhecida, foi mal paga.

Sua relação com Uberlândia foi, desde a infância, conflituosa. Transitava pelas ruas da Tabocas - o bairro mais pobre da cidade - aos prostíbulos, do Hotel Central à Mogiana, como pequeno artista marginal exibindo suas peripécias e dançando o maxixe. Quando, como ator, recebe reconhecimento nacional, Uberlândia reclama sua paternidade, num esforço para se desvencilhar de sua alcunha racista. Por uma série de divergências políticas, ora Otelo era elogiado, ora escorraçado pela imprensa. A cidade criou, como tributo, um busto na Praça Tubal Vilela, um mausoléu no cemitério São Pedro e um teatro no Bairro Aparecida, que quase, de fato, foi jogado ao chão. A Secretaria Municipal de Cultura, desde 2014, projetou inúmeras homenagens a Otelo, mas há pendências de ordem financeira e judicial, especialmente, no que se refere ao teatro. A Diretoria de Comunicação Social da UFU, com todas as dificuldades do momento, está realizando um vídeo documentário sobre sua vida, inclusive como material didático para as gerações que não o conheceram. Tal filme será lançado em março de 2016. É preciso lembrar para não esquecer.

Maria Clara Tomaz Machado
Diretora de Comunicação Social

EXPEDIENTE

ISSN 2317-7683

O Jornal da UFU é uma publicação mensal da Diretoria de Comunicação Social (Dirco) da Universidade Federal de Uberlândia (UFU).
Av. João Naves de Ávila, 2121, Bloco 1S, Santa Mônica, 38.400-902, Uberlândia-MG.
Telefone: 55 (34) 3239-4350.
www.comunica.ufu.br | jornalismo@dirco.ufu.br

Diretora de Comunicação
Maria Clara Tomaz Machado

Coordenadora de Jornalismo
Eliane Moreira

Coordenador de Conteúdo
Cairo Mohamad Ibrahim Katrib

Equipe de Jornalismo
Cristiano Alvarenga, Diélen Borges, Eliane Moreira, Hermom Dourado, José Amaral Neto, Jussara Coelho, Marco Cavalcanti e Renata Neiva

Estagiários
Amanda Cristina, Anna Vitória Rocha, Gabriel Rodrigues, Gabriela Junqueira, Giovana Oliveira e Lucas Tondini

Editora
Diélen Borges (0018432/MG)

Diagramação
Carlos Gabriel Ferreira

Revisão
Diélen Borges e Maria Clara Tomaz Machado

Fotografia
Marco Cavalcanti e Milton Santos

Capa
https://goo.gl/2VX8QZ (CC-BY-SA-3.0)

Impressão
Imprensa Universitária - Gráfica UFU

Tiragem
3500 exemplares

Docente colaborador
Eduardo Macedo

Reitor: **Elmiro Santos Resende |** Vice-reitor: **Eduardo Nunes Guimarães |** Chefe de gabinete: **José Antônio Galo |** Pró-reitora de Graduação: **Marisa Lomônaco de Paula Naves |** Pró-reitora de Extensão, Cultura e Assuntos Estudantis: **Dalva Maria de Oliveira Silva |** Pró-reitor de Pesquisa e Pós-graduação: **Marcelo Emílio Beletti |** Pró-reitor de Planejamento e Administração: **José Francisco Ribeiro |** Pró-reitora de Recursos Humanos: **Marlene Marins de Camargos Borges |** Prefeito Universitário: **Reges Eduardo Franco Teodoro**

PLANEJAMENTO

O futuro da universidade começa agora

Processo Estatuinte está aberto para responder às demandas atuais e inovar

Cristiano Alvarenga

Em qual contexto estará inserida a Universidade Federal de Uberlândia (UFU) em 2030? Que formato de educação a instituição vai compartilhar com a sociedade? Sobre qual estrutura estarão apoiadas as ações de pesquisa, ensino e extensão? Os conceitos de cidadania e inclusão social estarão presentes nas políticas e nas atividades da UFU? A ebulição de indagações parece se restringir ao imaginário, mas está presente em cada fala do debate incentivado pela abertura do Processo Estatuinte, em andamento na universidade. "Nós queremos que a Estatuinte projete aquela universidade que teremos em 15, 20 anos. A universidade inovadora, calcada em princípios de inclusão social e de responsabilidade na formação da cidadania", afirma o reitor Elmiro Resende Santos.

A avaliação e alteração do Estatuto atual, vigente desde 1999, abre caminho para uma série de mudanças administrativas. As prerrogativas contempladas no documento devem orientar a organização da universidade. "O Estatuto influencia na formulação do regimento e na estrutura administrativa", explica a bibliotecária e estatuinte Maira Goulart. O professor e presidente da Comissão Estatuinte, José Antônio Galo, resume o papel do Estatuto. "É o marco regulatório do funcionamento da universidade".

O trabalho dos estatuintes já está acontecendo nos campi da UFU, seja em reuniões da comissão ou em encontros, formais e informais, nos locais de trabalho. O momento é de reflexão sobre as mudanças necessárias e os direcionamentos para o futuro. "Os estatuintes devem fomentar os debates em suas bases", sugere o professor e estatuinte Edílson José Graciolli.

A partir da eleição dos membros, o debate sobre o novo Estatuto começa com a análise, ponderação, revisão e alteração de cada item. O ponto de partida é o documento vigente e a primeira temática para debate está lançada: qual é o conceito de universidade e seu papel? A reflexão sobre essa questão contribuirá para indicar os princípios, os objetivos, a personalidade e a autonomia da UFU.

Avaliação e planejamento em pauta

Além do Estatuto, a universidade possui outros instrumentos de gestão e planejamento. O Regimento, que regulamenta as questões internas da instituição e prevê políticas de planejamento e avaliação, orienta dois instrumentos importantes para a gestão da universidade: o Plano Institucional de Desenvolvimento e Expansão (Pide) e o Sistema de Avaliação coordenado pela Comissão Própria de Avaliação (CPA).

O Pide apresenta as diretrizes, as metas, os programas e os planos da instituição. O documento, atualmente em formulação, irá abranger o quadro da universidade para o período de 2016 a 2021 e deverá ser concluído até fevereiro do próximo ano. As questões que serão apresentadas no Pide estão diretamente relacionadas às fragilidades e potencialidades apontadas no Relatório de Autoavaliação e devem nortear o planejamento institucional.

Esse paradigma influenciou a atuação da CPA em 2015. Diferentemente dos anos anteriores, não haverá consulta à comunidade sobre questões relacionadas à universidade, pois a análise das demandas apresentadas em 2014 será priorizada. "O relatório será o caderno de respostas das fragilidades apresentadas pelas unidades acadêmicas e administrativas", explica a coordenadora da CPA, Maria Lúcia Bento. Ela esclarece que o processo será conduzido em três etapas: avaliação, com consulta à comunidade, análise do caderno de respostas e acompanhamento das ações.

Acompanhe:
Estatuinte: www.estatuinte.ufu.br
CPA: www.cpa.ufu.br
PIDE: www.pide.ufu.br

Como é definida a comissão estatuinte?

No processo estatuinte atual a paridade representativa é um dos elementos marcantes. O normativo prevê a seguinte composição da Comissão Estatuinte:

Todos foram eleitos pela comunidade interna.
O reitor indicou outros seis integrantes:

2 docentes
técnicos administrativos
representantes da sociedade civil

2 ADUFU 2 SINTET 2 DCE

A Associação dos Docentes da UFU (Adufu), o Sindicato dos Trabalhadores Técnico-Administrativos (Sintet) e o Diretório Central dos Estudantes (DCE) fizeram, no total, outras seis indicações.

Neste formato a Comissão pode atingir até

179 MEMBROS

UFU em imagens

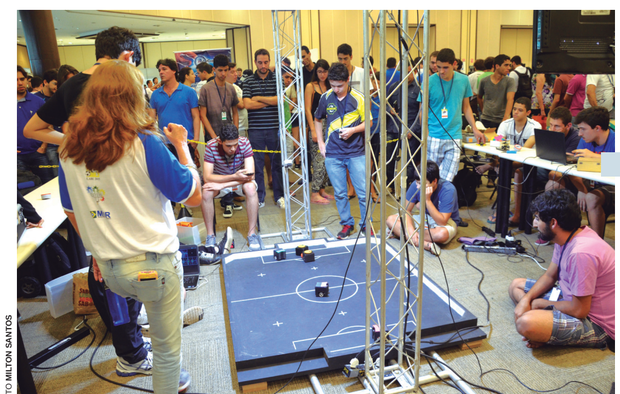


FOTO MILTON SANTOS

Conferências de Robótica

A Sociedade Brasileira de Computação (SBC) e a RoboCup realizaram as Conferências de Robótica de 2015 na UFU e no Center Convention de Uberlândia de 28 de outubro a 1° de novembro.

FOTO MARCO CAVALCANTI

Academia/Campus Pontal

No dia 12 de maio foi inaugurada a academia de musculação do Campus Pontal. A unidade é climatizada e oferece estrutura completa aos servidores e estudantes.

FOTO MILTON SANTOS

HCU

Comemoração, no dia 21/08, dos 45 anos do Hospital de Clínicas de Uberlândia, o maior prestador de serviços pelo Sistema Único de Saúde (SUS) em Minas Gerais e o terceiro no ranking dos maiores hospitais universitários da rede de ensino do Ministério da Educação (MEC).

Encontro sobre canola

O Grupo de Estudos e Pesquisas em Canola, do Instituto de Ciências Agrárias da UFU, realizou, nos dias 22 e 23 de julho, o 1º Encontro para o Desenvolvimento da Canola no Cerrado Brasileiro.

FOTO MILTON SANTOS

Vem pra UFU

Estudantes de escolas públicas e particulares participaram, nos dias 22 e 23 de outubro, do Vem Pra UFU, no Campus Santa Mônica. Nos estandes e salas de aula, alunos e professores dos cursos de graduação da universidade e da Escola Técnica de Saúde (Estes/UFU) responderam às dúvidas dos alunos visitantes sobre a prática profissional de cada carreira e o funcionamento dos cursos.

FOTO MILTON SANTOS

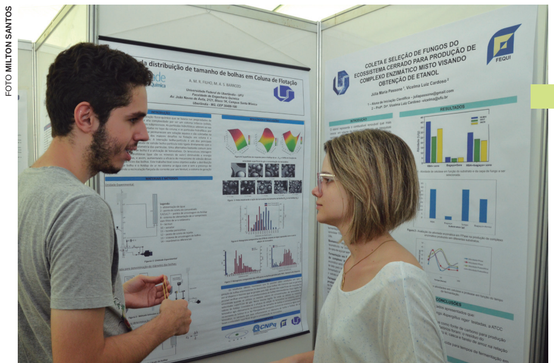


FOTO MILTON SANTOS

V Encontro de Iniciação Científica e Tecnológica

No V Encontro de Iniciação Científica e Tecnológica da UFU, realizado nos dias 16 e 17 de novembro, no campus Santa Mônica, cerca de 650 alunos apresentaram seus trabalhos. Um comitê de 32 professores de outras universidades do país selecionou pesquisas para serem apresentadas no congresso anual da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC).

FOTO MILTON SANTOS

Estatuinte

Servidores se reuniram no dia 03/06 para conhecer mais sobre o processo de elaboração do novo estatuto da UFU.

ENTREVISTA

Mudar para enfrentar as transformações no clima

Chuvas intensas de um lado e secas severas de outro. Calor acima da média e crise hídrica. No Brasil e nos demais países, esses e outros fenômenos têm chamado a atenção para as mudanças climáticas. Estamos preparados? Para abordar esse assunto, o Jornal da UFU entrevistou o geógrafo Cláudio di Mauro, professor e diretor do Instituto de Geografia da UFU. "Não há país preparado", afirma.

Marco Cavalcanti

O que está acontecendo com o planeta?

Existe uma grande discussão entre os climatólogos e os geógrafos, que é a existência ou não de uma mudança climática. Historicamente, o planeta já passou por diversas mudanças radicais de clima. Nós já tivemos recuo e avanço de oceano, em função de variações climáticas. Essas mudanças atingem diversas regiões com características diferentes. Não é uma atuação climática igual no planeta inteiro. O planeta, pelo fato de ser um geoide, reflete essas características climáticas de uma maneira diferenciada. Mas, entre os especialistas, há aqueles que imaginam que nós vamos ter uma mudança radical de clima agora e há outros que entendem que nós estamos tendo, na verdade, uma variação climática, que não chega a ser uma mudança climática propriamente. Essas variações são produzidas por diversos motivos, entre os quais, a relação da Terra com o Sol e a relação da Terra com seus efeitos atmosféricos. Então, há quem diga que estamos sofrendo, realmente, um processo de mudança climática abrupta e há outros que dizem "não, é uma variação das condições climáticas", e os efeitos podem ser menos catastróficos do que se imagina. Em caso de uma mudança climática, nós podemos ter temperatura variando de quatro até 10 graus em relação ao que temos hoje, com o aquecimento. Em compensação, há outras partes do planeta que devem ficar mais frias. Há certa tendência, principalmente nos organismos internacionais, de hoje reconhecer que nós estamos indo, realmente, para uma mudança climática. Mas esse debate [se é uma variação ou uma mudança] existe dentro da academia.

Quais as consequências dessas alterações para a vida no planeta?

Se tivermos um aumento de temperatura acima de quatro graus centígrados em média - e isso significa que em alguns lugares é mais e em outros é menos - já teremos mudanças muito significativas na cobertura vegetal, na disponibilidade hídrica e, consequentemente, nas condições de vida do planeta. Se passarmos por uma fase em que se ampliam as áreas de semiárido ou de regiões áridas, então, a tendência é termos pouca água, pouca cobertura vegetal, pouca possibilidade de desenvolvimento de atividades de agricultura, especialmente em um momento que se encaminha para ampliação das áreas de irrigação, no caso brasileiro. Estão se ampliando as áreas de irrigação para a produção de alimentos e energia e isso tudo vai ter reflexos. E vamos ter subida do nível de mar. Isso também representa algo muito significativo. Se tivermos, por exemplo, 30 a 50 cm de subida no nível do mar, cidades como Rio de Janeiro, Salvador e Recife, que têm orlas ocupadas pelas populações regionais, vão estar todas inundadas. Então, os reflexos para a civilização e para a vida humana são muito drásticos e nós precisamos estar atentos e nos preparar. A questão da mudança climática, ou mesmo da crise hídrica, tem um grande efeito político, porque, tecnicamente, a ciência e a universidade têm condições de propor soluções. Agora, precisa-se que as autoridades compreendam os riscos que existem e assumam, de fato, um papel de preservação, de cuidado e, consequentemente, criem condições para que nós tenhamos efeitos menos drásticos para as vidas humanas.

FOTO MILTON SANTOS

O Brasil está preparado para essas mudanças?

Não, o Brasil não está preparado e, no meu entendimento, não há país preparado. Na verdade, os países estão despertando agora para a gravidade da situação. Eles não imaginavam, quer dizer, havia uma discussão, principalmente nos meios políticos que não queriam assinar, por exemplo, o Protocolo de Kyoto e outros documentos para reduzir a emissão de partículas gasosas, diminuir as queimadas e melhorar as condições de água. Então, só agora que está se despertando para essa realidade e tomara que não seja muito tarde. Aí é uma coisa difícil de prever, porque às vezes o ritmo das alterações que o clima está apresentando ocorre de uma maneira muito rápida. Neste ano, nós tivemos temperaturas muito altas e cada vez mais precipitações pluviais de maneira concentrada, torrenciais.

Esses acordos multilaterais para enfrentar os problemas relacionados ao clima, como a 21ª Confererência do Clima (COP 21), são eficientes ou promessas que nunca são cumpridas?

Alguns países, a partir desses acordos, começam a dar bons exemplos, mas ainda de uma maneira muito incipiente. É preciso, nesse caso, uma radicalização. Quando eu falo em radicalização, eu digo ir às raízes do problema, sem sectarismos, mas com força, determinação e vontade, identificando causas e, consequentemente, planejando ações. Nós temos que tomar cuidado com as necessidades de preservação de água e coberturas vegetais. Com isso, você vai preservar a vida. Imagina: você faz uma modificação no comportamento dos rios, o que acontece com a ictiofauna [conjunto dos peixes existentes numa região]? O que acontece com toda a vida que tem dentro dos rios? Eles vão sendo exterminados. Nós estamos implantando, por exemplo, represas uma atrás da outra e elas mudam o padrão de comportamento da vida dentro dos rios. Vidas que demoraram milênios para se consolidar como estão e nós simplesmente, com uma barragem, mudamos tudo. Então aí têm consequências. É fundamental que a sociedade compreenda a gravidade da situação e que as ações sejam efetivamente políticas de preservação das condições de vida no planeta. Às vezes, a gente joga a responsabilidade para a população quando, na verdade, falta iniciativa governamental. Os governos têm que tomar atitudes e a população tem que cobrar, tem que exigir que tomem providências. As autoridades, muitas vezes, não estão compreendendo a importância do momento.

Aqui na região de influência da UFU, o que pode acontecer?

Essa nossa região tem uma topografia muito interessante e com isso vai sendo ocupada cada vez mais por atividades agrícolas. A topografia nossa é plana. Isso ajuda demais a ter atividades agroindustriais e essas ações estão reduzindo drasticamente a disponibilidade de água nos nossos lençóis subterrâneos. Juntamente com o agronegócio vem a drenagem de áreas que deveriam ser mantidas como úmidas, o caso dos covoais [pequenas elevações no solo que formam uma espécie de reservatório natural de água]. Essas áreas acabam sendo drenadas com regos que são abertos. Isso é muito complexo e vai gerar consequências. Se você tem uma radicalização na temperatura ou na distribuição de chuvas, então, os efeitos disso acabam ficando mais resistentes e com mais consequências drásticas. Nós temos problemas sim, nós vamos ter que repensar a maneira como estamos vivendo na região. E a universidade tem perfeitas condições [de propor soluções], através das diversas unidades acadêmicas que nós temos aqui e que podem pensar, junto com a comunidade e com os poderes constituídos, procedimentos que impliquem uma salvaguarda, uma preparação para que não tenhamos consequências piores.

"Atividades agroindustriais na nossa região estão reduzindo drasticamente a disponibilidade de água."

Consequências: Árvore derrubada por temporal, no fim de outubro, na av. Rondon Pacheco, em Uberlândia.

FOTO MARCO CAVALCANTI

COTIDIANO

Insegurança no *campus*

Violência urbana chega à universidade e, com ela, a sensação de medo

Diélen Borges | Lucas Tondini

Operação da Polícia Federal mapeia uso e tráfico de drogas nos campi da UFU. Estudantes são vítimas de assalto dentro de sala de aula em faculdade do Rio de Janeiro. Alunas denunciam estupros em festas da Medicina da Universidade de São Paulo (USP). As notícias de 2015 apresentam universidades esquartejadas entre o crescimento da violência urbana e a sensação de insegurança pós-moderna: os campi estão mais perigosos ou estamos com mais medo?

"A UFU não é uma ilha isolada. O aumento da violência na sociedade também acontece na universidade", reconhece o reitor em exercício, Eduardo Guimarães. A ideia de que os crimes registrados no campus universitário são parte de uma violência que já acontece fora dos muros da academia também é defendida pela professora Débora Pastana, do Instituto de Ciências Sociais da UFU, que pesquisa violência e justiça penal: "o fato de acontecer crimes aqui dentro só corrobora a compreensão de que a universidade não está fora do mundo".

A Polícia Militar de Minas Gerais (PM-MG) manifestou-se contrária ao policiamento ostensivo nos campi da UFU. Em setembro, o coronel Volney Halan Marques, comandante da 9ª Região da Polícia Militar, declarou à imprensa local que o índice de criminalidade nos campi da instituição não justifica o patrulhamento. Na mesma época, a PM entregou à UFU um "mapa da violência" dos bairros Santa Mônica, Saraiva e entorno, elaborado por semestre desde 2013. São centenas de pontos distribuídos pelas ruas e avenidas, indicando que em cada local aconteceu um roubo, um furto ou outra ocorrência registrada pela polícia. Curiosamente, a parte mais vazia do mapa são os 280 mil m² onde está o campus da universidade.

Wesley Marques, diretor de Logística da UFU, área que engloba a segurança da instituição, considera que tanto o Campus Santa Mônica quanto o Umuarama são lugares relativamente seguros. "Em quase todas as áreas de convivência encontramos um grande número de alunos utilizando laptops, celulares, tablets", exemplifica.

A cientista social Flávia Mariano, formada pela UFU, atualmente cursa mestrado em Ciências Sociais e graduação em Direito. Durante toda a vida acadêmica, fez parte do movimento estudantil e de coletivos feministas. Sobre a sensação de medo na universidade, também acredita que o problema é maior que a instituição. "Sinceramente, eu acho que a UFU é um lugar inseguro, mas a cidade é insegura e esse é o problema. Eu me sinto mais segura aqui, inclusive, do que fora dos portões", diz.

"Insegura a gente se sente em qualquer lugar", afirma Pollyanna Fabrini, aluna do Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais, coordenadora de assuntos estudantis do Núcleo de Estudos Afro-brasileiros (Neab) e integrante do coletivo feminista Bonecas de Piche. "Dentro ou fora da universidade, esse temor à violência já é moldado, é uma cultura do medo. E até que ponto você não é refém do próprio medo?", problematiza.

Como mulher negra, Pollyanna explica porque até mesmo o policiamento ostensivo, que a princípio é visto como medida de segurança, pode representar uma ameaça para as pessoas negras, cuja maior inclusão no contexto acadêmico é recente, após a implantação de políticas de cotas: "o contexto histórico do negro no Brasil infelizmente estigmatiza alguns perfis de suspeito e normalmente caímos nesse vício de rotular que é o negro, ou então quem tem baixa condição de renda".

Embora haja resistência de parte da comunidade acadêmica ao policiamento ostensivo nos campi da UFU, a presença da PM na instituição jamais foi proibida. "Ninguém sabe de onde surgiu essa ideia", afirma Eduardo Guimarães. "A instituição policial é fundamental para a segurança pública, mas também tem práticas inadequadas. Só queremos um bom diálogo com a polícia", declara. Além da parceria com a PM, outra medida adotada pela UFU é a implantação de videomonitoramento nos *campi*. A empresa vencedora do edital de licitação já apresentou o projeto à Reitoria e está fazendo adequações no documento solicitadas pelos gestores da universidade.

Violência e insegurança são problemas diferentes, na concepção da pesquisadora Débora Pastana. "Eu não gostaria de ver a UFU mergulhada numa cultura do medo", afirma. Aderir à lógica do controle de acesso, colocando catracas nas portarias dos campi, por exemplo, inviabilizaria a inclusão da comunidade, especialmente promovida por meio dos projetos de extensão. Além disso, Débora explica que a insegurança decorre de uma exploração midiática da violência. A impressão que se tem ao assistir programas sensacionalistas é de que vivemos numa sociedade caótica.

O problema, para a professora, é que a construção de um imaginário equivocado sobre a violência redefine o nosso comportamento. "Vamos preferir fazer nossas compras num *shopping center* porque achamos que lá é mais seguro e abandonamos a rua. Se abandonamos a rua, o poder público também abandona. É um círculo vicioso", opina. "Passamos a não querer mais viver num local aberto. Vamos querer viver num condomínio fechado. Então, olha o quanto redefinimos a nossa sociabilidade por conta do medo!", afirma.

O Setor de Atendimento Psicológico ao Estudante da UFU tem sido procurado por alunos em situação de medo excessivo. "Recebemos muitos estudantes que vêm de cidades menores e vivenciam uma realidade diferente de Uberlândia", relata a psicóloga Michele Falco. "O estudante fica amedrontado de sair, então, a vida social dele vai ficando muito complicada. O isolamento pode se intensificar e ir para um caminho de sintomas depressivos", completa.

Se, quantitativamente, os casos de violência na universidade são mais raros em relação aos demais espaços urbanos, por que nos assustam tanto? Porque frustram uma expectativa de segurança. "Quando as pessoas entram na universidade, ficam impressionadas com o novo ambiente de que vão fazer parte. Há a sensação de que aqui, onde as pessoas têm o nível de escolaridade alto, há certa honestidade", descreve o diretor Marques. Como lembra Flávia Franco, "a universidade é vista e legitimada como centro intelectual de uma sociedade".

O problema, conforme o diretor de Logística relata ter ouvido da Polícia Federal, é que "onde tem usuário de drogas tem também o tráfico e, obviamente, pessoas que nem sempre têm condições de bancar seu vício e tendem a cometer furtos". O consumo e o tráfico de drogas dentro do Campus Santa Mônica foram investigados e comprovados pela Polícia Federal durante a operação Atalaia, realizada neste ano. Vídeos da operação foram divulgados pela mídia em setembro e, em novembro, a PF entregou o relatório à UFU. De acordo com a diretora de Comunicação da UFU, Maria Clara Tomaz Machado, o relatório cita a prática do tráfico e uso de entorpecentes. "Não registra nenhuma ocorrência de furtos e outros tipos de atos violentos. Não foram citados nomes, pois a averiguação dos envolvidos é de competência da Polícia Federal", declara a diretora. A PF sugeriu uma política de segurança para a UFU e se colocou à disposição para a discussão.

"A UFU não é uma ilha isolada. O aumento da violência na sociedade também acontece na universidade", reconhece o reitor em exercício.

A associação entre o contexto universitário e o consumo de drogas não é nenhuma novidade há décadas. "Quando o estudante ingressa na universidade tem todo um rito de passagem e é muito comum na nossa sociedade ouvirmos coisas do tipo: 'Ah, agora você vai mudar!', 'Você não bebe? Agora vai aprender a beber'", explica a psicóloga Michele Falco. Mas quando esse rito de passagem se torna prejudicial à vida das pessoas, é preciso repensá-lo, alerta a psicóloga.

A UFU criou a Comissão sobre Álcool e outras Drogas (CAD), em dezembro de 2013, formada por representantes discentes, docentes e técnicos, com o objetivo de produzir uma proposta de política sobre drogas para a universidade. Após as fases de diagnóstico e debate, em que foram analisadas as experiências de outras instituições e promovidos seminários com especialistas sobre o tema, além de outras atividades, a comissão entregou seu relatório à Reitoria em outubro deste ano.

A proposta de política sobre drogas da CAD sugere 40 ações aglutinadas em cinco áreas: prevenção; segurança; saúde e cuidados; educação, informação e comunicação; e cultura e lazer. Entre as ações sugeridas estão a criação do Centro de Extensão e Pesquisa em Álcool e outras Drogas, o estabelecimento de um termo de cooperação entre a UFU e a Polícia Militar, a instituição de uma Vigilância Cidadã, a criação de um serviço de acolhimento para pessoas que se relacionem com substâncias psicoativas, a estruturação de um banco de informações sobre consumo e venda de álcool e drogas dentro e fora da universidade e a construção de um espaço político-cultural no Jambolão.

"O relatório final da CAD carrega reflexões que nem sempre estamos dispostos a fazer", afirma Leonardo Barbosa, diretor de Assuntos Estudantis da UFU e coordenador da CAD. O professor defende que o problema não se reduz ao binômio segurança-repressão, mas envolve o universo da saúde, educação, informação, cultura e dos direitos fundamentais e humanos. "Exige-nos olhar as drogas na sua totalidade, não só as que se encontram na ilegalidade, e a fazermos a pergunta: como a humanidade deve se relacionar com as drogas? Aí, encontramos uma janela para pensar que o alvo da política não deveria ser as drogas, mas o ser humano", diz o docente.

A violência contra mulheres

Muito perto de nós, em pouco mais de um mês, uma estudante sofreu tentativa de estupro e uma funcionária terceirizada foi agredida. Por que com as mulheres? O que antecede esses casos extremos? A violência contra as mulheres passa pela violência psicológica, por meio de "brincadeiras" machistas, cantadas desrespeitosas e outras formas de agressão verbal, que em grande parte dos casos são silenciadas e não recebem a atenção necessária. É aí que, segundo a cientista social Flávia Mariano, está a raiz dos casos de violência mais concretos. "A violência psicológica é o fundamento discursivo para a violência física. A sociedade acha engraçado, acha que é piada; e não é para ser engraçado, é para ser chocante, repugnado", afirma.

A violência contra as mulheres dentro da universidade é fruto de uma questão cultural, segundo a professora Neiva Flávia de Oliveira, da Faculdade de Direito da UFU, que desenvolve trabalhos sobre o tema. A partir da década de 1970, cresceu o ingresso de mulheres nas universidades e hoje elas chegam a representar a maior parte: na UFU, são 53,7% do corpo discente. Isso, na avaliação de Neiva, traz uma resistência, porque um espaço público, que deveria ser reservado e "cotificado" aos homens, está sendo ocupado pelas mulheres. Segundo a professora, "a violência institucionalizada dentro da universidade é responsabilidade de um processo mal elaborado de transformação do espaço universitário. Houve um aumento do ingresso de alunas e, em nenhum momento se pensou que a gente precisava discutir esse assunto".

Como lidar? Neiva Flávia acredita que a universidade deve enfrentar o problema de forma transparente. "É preciso trazer isso para debate, fazer um grande trabalho de conscientização com todos os membros da UFU, ter uma ouvidoria especializada e campanhas institucionais acontecendo ao longo do ano. Na recepção de novos estudantes e servidores, é preciso ter uma capacitação sobre a questão de gênero", ressalta. A docente Débora Pastana, do Instituto de Ciências Sociais, acredita que a educação é o caminho para combater as violências sociais. "Boa parte dos nossos conflitos podem ser diminuídos com acesso à educação de qualidade e cidadã. É uma forma de você fortalecer os laços sociais", diz.

O reitor em exercício, Eduardo Guimarães, reforça a ideia de que a conscientização deve começar dentro da sala de aula. "No caso da universidade, é fundamental que se desenvolvam ações duradouras. São ações de educação para que as pessoas defendam a liberdade de expressão dentro da universidade e a garantia de que possamos conviver bem", avalia.

A questão é debatida na universidade por coletivos e movimentos feministas há anos, mas obteve maior atenção da comunidade acadêmica com a repercussão do caso de tentativa de estupro em setembro. Centenas de mulheres marcharam em protesto até a Reitoria e garantiram, durante reunião do Conselho Universitário, a criação de uma comissão que irá elaborar uma proposta de política institucional e estudar medidas de proteção às mulheres nos campi da universidade.

Pollyana Fabrini, estudante e militante, explica que a comissão deverá coletar informações por meio de um questionário para mensurar estatisticamente a violência, mesmo que simbólica, dentro do campus. "Se alguma mulher dentro do campus, seja ela técnica, professora ou discente, já passou por esse tipo de situação. Vai servir para mensurarmos o tamanho do problema que a gente se propôs a solucionar", garante.

100 ANOS DE *Grande Otelo*?

OU MELHOR, DE SEBASTIÃO

Tadeu Santos
Doutorando em História pela UFU,
pesquisa memória, cidade e biografia

Sebastião, conhecido como Grande Otelo, é natural de Uberlândia (MG), onde é lembrado por sua fuga para São Paulo, por sua fama construída a partir de sua ida para o Rio de Janeiro e pela participação no filme *Macunaíma*.

Símbolo do cinema nacional, vinculou-se ao Cassino da Urca, às Chanchadas e aos Cinemas Novo e Marginal. É mais lembrado por Moleque Tião, Carnaval na Atlântida, a Dupla do Barulho e Rio Zona Norte, que o caracterizaram pelo viés do humor e da caricatura, tendo sido parceiro de Oscarito.

Faleceu em 1993, em Paris, comovendo o mundo, pois receberia, em Nantes, o prêmio internacional de cinema, como ator negro. Foi sepultado em sua cidade natal num cortejo concorrido e mundialmente anunciado. Apesar de muito homenageado profissionalmente, não se firmou financeiramente, tendo um ocaso comum ao dos brasileiros pobres.

Em razão da comemoração do seu centenário em 2015 ser fluidamente divulgada, caracterizo-o na tríplice dimensão negra, como uberlandense, paulistano e carioca.

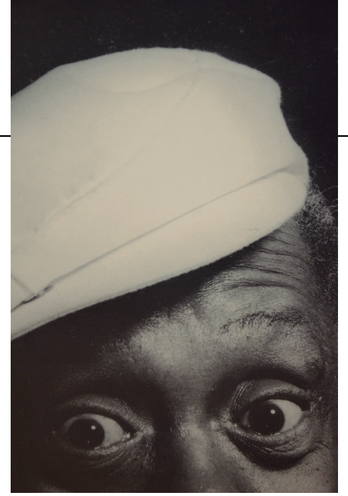
Seu ser negro e uberlandense se deu pelo nascimento em 18/10/1915, em São Pedro de Uberabinha, na zona rural, de onde logo se mudou para a cidade, em decorrência da perda de seu pai. Aprendeu, então, os valores afro-brasileiros e católicos, circulando pela urbanidade. Conheceu o prostíbulo, onde praticou o maxixe. Vinculou-se à Estação Mogiana, ao Hotel Central, à Escola Bueno Brandão e, nas ruas, conviveu com crianças indistintamente, fato que ainda foi reforçado pelo trabalho doméstico de sua mãe e de parteira de sua avó, ampliadores de suas andanças.

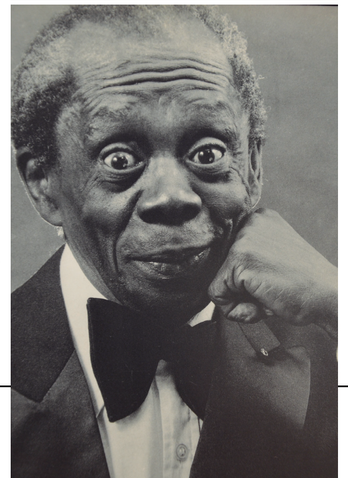
Fez-se negro e paulistano, a partir de 1924, quando se mudou com Abigail Parecis. Ainda lá, viveu com a família Queiroz, na rua e em abrigo de menores. Integrou as Companhias Negras de Teatro de Revistas e estudou no Liceu Coração de Jesus. Experimentou, em tal ocasião, as contradições do ser criança destituída da própria família.

Sua afirmação como negro carioca ocorreu na idade adulta e correspondeu à maior parte de sua vida. Tornou-se símbolo da cidade do Rio de Janeiro, onde se desafiou para integrá-la e participou da cultura negra nos morros, Gafieira Elite, Lapa e Praça Tiradentes. Abraçou a religiosidade africana e diversas funções para o autossustento: jornalista, funcionário público, político, compositor, cantor, radialista, poeta, apresentador de televisão e, em especial, ator de teatro e cinema, com reconhecida versatilidade.

Foi pai e, como os demais negros, vítima de racismo e preconceito, que marcaram a sua vida contraditoriamente, na busca por fugir da exclusão.

Por ter exercido o ofício artístico por quase meio século, em meio às contradições sociais, constituiu-se símbolo da cultura negra brasileira. O seu lembrar pode se dar pela multiplicidade dos seus personagens, expressivos da complexidade do ser ator, e pelas plurais variantes, decorrentes de Sebastião, que o significam de diferentes formas, desde o seu nascer à morte. Ou seja, de Sebastião tem-se Bernardo da Costa, seguido de Bastiãozinho da Tia Silvana, Pequeno Otelo, Grande Otelo e Sebastião Bernardes de Souza Prata.





FOTOS
Reprodução do livro *Grande Othelo em Preto e Branco*, de Marly Serafin e Mário Franco (1987)

SAÚDE

A vida com HIV

José Carlos contraiu vírus na Cracolândia e fala da época atual, em que há muita informação, mas persiste a contaminação

Jussara Coelho

O Dia Mundial de Combate à Aids – doença cuja infecção se dá pelo vírus HIV, que ataca as células do sistema imunológico e pode ser transmitido por sangue, esperma, secreção vaginal e leite materno – acontece todos os anos em 1º de dezembro. A data busca alertar e conscientizar as pessoas de todo o mundo sobre as formas de prevenção, demonstrar apoio às pessoas que vivem com a doença e relembrar aquelas que morreram em consequência dela.

De acordo com o Ministério da Saúde, 94% dos brasileiros sabem que a camisinha é a melhor forma de prevenção à Aids e outras doenças sexualmente transmissíveis. Mesmo assim, 45% da população sexualmente ativa do país não usou preservativo nas relações sexuais casuais no ano de 2014. A Organização das Nações Unidas (ONU) estima que, em 2014, ocorreram 44 mil novas infecções entre os brasileiros.

Branco, heterossexual, 64 anos. José Carlos Pereira dos Santos, nascido em Lins, no interior do Estado de São Paulo, convive com o vírus da Aids há mais de 17 anos e encontrou abrigo e amparo na cidade de Uberlândia. O aposentado atualmente mora na Fraternidade Assistencial Lucas Evangelista (Fale), sociedade civil, sem fins lucrativos, dedicada à assistência emocional, educacional e material às pessoas que têm o vírus da Aids ou doenças incuráveis e seus familiares.

Abandonado pelos pais aos 10 anos de idade, José Carlos foi entregue à Fundação Estadual do Bem-Estar do Menor (Febem), atual Fundação Casa. Aos 18 anos, serviu ao Exército. "E de lá pra cá foi só cadeia. Fiquei na cadeia até os 45 anos. Peguei 26 anos e sete meses. Saindo da cadeia fiquei morando ali na Cracolândia, perto da Estação da Luz, onde eu conheci o crack, comecei a beber, transei com várias prostitutas e nesse vai e vem... nesse vai e vem, acabei cometendo um homicídio. Fui preso de novo, saí do homicídio, fui preso de novo, fiquei até 1994, ano em que ganhei a liberdade", conta José Carlos.

O aposentado se orienta pelas datas em que foi encarcerado. Em seu tempo de liberdade, vagueava pelas ruas pedindo dinheiro, à procura de drogas e mulheres. "Em 2002, eu fui preso com uma porção de maconha lá em São José do Rio Preto e fui pro CDP [Centro de Detenção Provisória] de lá. Aí fiz o exame de HIV, foi quando, em 21 de dezembro de 2003, fiquei sabendo que eu era portador do vírus. Mas não tomei baque nenhum, não me importei, porque faltava uma semana pra ganhar a liberdade, então, o que interessava pra mim era a liberdade, não era o HIV, não", relata. Ao contar como contraiu o vírus, José Carlos afirma: "Foi na rua, sexo mesmo! Ali na Cracolândia existem vários tipos de pessoas. Mulheres à vontade. De tudo quanto é idade, dos nove anos aos 50, 60 anos".

Para José Carlos, a assistência social foi sua salvação. "Eu pesava 62 quilos e hoje estou com 80. Eu não tinha nada. Hoje sou um homem aposentado. Tenho minhas roupas, celular, estou tranquilo, tranquilo, tranquilo. Chegou uma época que eu não conseguia mais andar. Eu molhava dois lençóis por noite de suor. Isso por 11 meses. Não conseguia carregar nada, nem força para alimentar eu tinha. A assistente social me encaminhou para uma casa de apoio, comecei a tomar remédio. Melhorei. Tive uma pneumonia e nunca mais tive mais nada", conta.

José Carlos toma três comprimidos do coquetel após o almoço e um calmante à noite. Ele ainda tem doença pulmonar crônica em decorrência de ter fumado por 47 anos, o que faz com que ele se canse com muita facilidade. "Tenho duas consultas por ano, de seis em seis meses. Minha situação está ótima. Tenho alimentação sadia, frutas à vontade, cama limpinha, roupa, tudo beleza."

Sem qualquer contato com a família, José Carlos conta que tem filhos de aproximadamente 30 anos. "Nenhum deles sabe que eu sou portador e, aliás, nenhum deles sabe onde eu estou morando. Eu não era portador quando os fiz, não. Foi depois que eu adquiri. Eu também tenho neta casada, lá em Bauru. Tenho neta casada!", relembra. "Faz 54 anos que eu não conheço o que é família. Família eu não tenho. Agora, a minha família são os amigos. Alguns que eu me dou mais bem, outros que eu não vou com a cara. Tive três namoradas, todas portadoras, e as três me enganaram. Gastei meu dinheiro, dei boa vida para elas e elas me enganaram", relata.

"E eu calculo uns 17 anos com o vírus do HIV. A minha carga viral é indetectável há 11 anos. Estou bem. Eu sou portador, não transmito o vírus. Eu convivo com o HIV, ele faz parte da minha vida. Porque graças a ela [a doença] eu pude conhecer muitas coisas. Antigamente, eu só vivia na rua, no chão. Tomava banho só quando chovia e não dava para correr, aí eu me molhava", relembra. José Carlos ressalta a importância dos exames e medição gratuitos oferecidos hoje e o nível de informação de que a atual geração dispõe: "só contrai a Aids hoje quem morar no meio do mato, ou tiver drogado, ou alcoolizado e não usar camisinha. Hoje em dia só pega o HIV quem quer, porque avisado todo mundo está".

PESQUISA

FOTO ORLANDO GRILLO

UFU marca presença na Antártica

Paleontólogo do Instituto de Biologia participa de projeto apoiado pelo Programa Antártico Brasileiro

Marco Cavalcanti

Como a Antártica se congelou? Quando isso aconteceu? Como essas mudanças influenciam o clima global? Para ajudar a responder perguntas como essas, pesquisadores de diversas universidades brasileiras – entre elas, a Universidade Federal de Uberlândia (UFU) – vão passar o próximo verão analisando e coletando vestígios da vida de tempos remotos presentes em uma parte do Continente Gelado.

O grupo, do qual o paleontólogo e professor Douglas Riff, do Instituto de Biologia da UFU, faz parte, vai por em prática o projeto "Prospecção de fósseis do Cretáceo da Sub-Bacia James Ross e evolução da fauna de vertebrados visando à reconstituição paleoambiental e biogeográfica da Península Antártica (Paleoantar II)". O trabalho é coordenado por Alexander Kellner, paleontólogo do Museu Nacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

"O registro fóssil nos dá um panorama de como era a Terra antes da gente. Vamos conseguir entender, por exemplo, que tipo de mudança temos certeza de que não foi causada pela gente, pois acontecia antes de nossa origem. Entender essas biotas antigas, então, faz parte dessa busca pelo conhecimento, por entender o mundo onde vivemos", comenta Riff, coordenador do Laboratório de Paleontologia da UFU e vice-coordenador do projeto.

A expedição será formada por sete pesquisadores (seis paleontólogos e um geólogo) do Museu Nacional (UFRJ), da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (Unirio), da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), da Universidade do Contestado (SC) e da UFU, além de dois alpinistas do Clube Alpino Paulista. Outras 16 pessoas integram o projeto, que tem orçamento de R$ 200 mil financiados pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

A Ilha James Ross, onde será executado o projeto, faz parte do arquipélago de mesmo nome, localizado na Península Antártica. Essa parte do continente fica descoberta no verão, permitindo o acesso aos depósitos fósseis da fauna e flora do Cretáceo – período geológico ocorrido entre 145 e 65 milhões de anos, na Era Mesozoica.

"Estamos indo para um lugar onde já foram encontrados vertebrados, invertebrados e plantas de um período geológico em que a Antártica ainda estava ligada à América do Sul e à Austrália", explica Riff.

O trabalho de campo, a ser realizado de 14 de dezembro a 30 de março de 2016, fará parte da XXXIV Operação Antártica do estratégico Programa Antártico Brasileiro (Proantar), criado em 1982. Nesse programa são desenvolvidos, a cada ano, cerca de 20 projetos de pesquisas nas áreas de oceanografia, biologia, biologia marinha, glaciologia, geologia, meteorologia e arquitetura.

"Se o Brasil deixa de ter um programa de pesquisa na Antártica, ele perde o direito a voz, a voto e a veto. Por isso, o Programa Antártico é tido como estratégico, porque é a única maneira hoje, reconhecida internacionalmente, de influenciar a gestão de uma parte do planeta que é a Antártica", observa o paleontólogo da UFU, referindo-se ao Tratado da Antártica.

A primeira parte do projeto, realizada em uma expedição em 2006/2007, da qual Riff participou representando outra universidade, pode ser conferida em um documentário disponível na internet com o título "Expedição Antártica - O verão de 70 milhões de anos". Naquele trabalho foram coletadas duas toneladas de material fossilizado (como vegetais, ossos e microfósseis) para análise. Os estudos renderam um artigo publicado no periódico "Polar Research", em 2011 [KELLNER, Alexander Wilhelm Armin et al. The oldest plesiosaur (Reptilia, Sauropterygia) from Antarctica. Polar Research, [S.l.], jun. 2011. ISSN 1751-8369].

Agora, na segunda parte do projeto, os pesquisadores vão vasculhar o outro lado da ilha James Ross. "Qual espécie vamos encontrar? Só quando voltar. A Paleontologia tem um pouco desse imponderado", revela Riff.

ESPORTE

Olimpíada Universitária mobiliza mais de 2 mil pessoas

Competições acontecem neste fim de ano e envolvem alunos de todos os *campi* da UFU

Hermom Dourado

Aberta oficialmente na noite de 6 de novembro, a Olimpíada Universitária UFU 2015 conta com a participação de 28 delegações de todos os campi da Universidade Federal de Uberlândia (UFU), representando 72 cursos de graduação e outros sete de pós-graduação. Somados os dirigentes, membros de comissões técnicas e atletas, são 2.157 inscritos nesta confraternização esportiva.

Organizar e executar um evento com um público tão numeroso demanda um grande esforço de planejamento. Claudio Gomes Barbosa, integrante da Comissão Organizadora, explica que o trabalho da Divisão de Esportes e Lazer Universitário (Diesu) nos preparativos para a edição deste ano mobilizou 20 pessoas, incluindo colaboradores e alunos bolsistas.

Trunfos

Atualmente matriculado no 11º período, Márcio Custódio Borges Jr tem ajudado a Atlética de Medicina a manter um bom desempenho no judô masculino na Olimpíada UFU. Ele começou no esporte aos nove anos de idade e integrou a equipe do Praia Clube até os 17, quando passou a se dedicar exclusivamente ao cursinho preparatório para o vestibular.

A volta aos tatames foi justamente para reforçar a equipe do seu curso nas competições. "Na adolescência, eu sonhava em me tornar um atleta olímpico. Cheguei a ficar em terceiro lugar em uma edição do Campeonato Brasileiro e a conquistar medalhas de ouro em duas copas internacionais. Mas agora estou focado nos estudos para a carreira de médico e o esporte acabou ficando em segundo plano. Só tenho treinado duas vezes por semana", conta Márcio, que já acumula sete medalhas de ouro na Olimpíada UFU – cinco por categoria de peso e duas no absoluto – e ajudou a Atlética de Medicina a faturar o título por equipes do Intermed Minas no judô masculino nas edições de 2013 e 2014 e o vice-campeonato na de 2015.

Aluno do quarto período de Fisioterapia, Estêvão Mállon Gomes Cabral concilia a rotina estudantil com a de atleta e mantém a esperança de fazer parte da delegação brasileira de atletismo em uma edição das Olimpíadas. "É muito difícil, mas não impossível. Hoje tenho a marca de 10.64 segundos nos 100 metros rasos e o índice para o Rio 2016 é de 10.16. Então vou seguir treinando para baixar estes 48 milésimos. Se não der certo, é levantar a cabeça e treinar ainda mais forte no novo ciclo olímpico, visando aos jogos de 2020", declara o estudante, que faz parte da equipe do Sesi.

Dos cinco aos 18 anos, Estêvão tentou ser jogador de futebol. Atacante velocista e com boa estatura, passou pelas categorias de base do Uberlândia, Praia Clube, Goiás (GO) e São Carlos (SP). Bastaram as primeiras competições nas pistas, porém, para ele optar pela troca de modalidade. Aos 19, já era campeão geral nos 100 e 200 metros e vice no revezamento 4x100 nos Jogos de Minas (Jimi). Hoje, com 21, está chegando ao final da temporada 2015 na 19ª colocação no ranking nacional sub-23 nos 100m e oitava no adulto do revezamento 4x100.

Na edição de 2014, quando estreou na Olimpíada Universitária, Estêvão conquistou três medalhas de ouro, com direito a quebras de recordes nos 100m e revezamento 4x100. Em 2015, subiu ao topo do pódio três vezes: nos 100m, 200m e revezamento 4x100.

Amigos e rivais

Mantendo a tradição, o futebol e o futsal estão entre as modalidades que levam maior público aos jogos. Aluno do nono período de Administração, Natal Acir Rosa Junior, 23 anos, é a grande esperança de gols da Atlética Monetária, pois já foi artilheiro da competição no gramado duas vezes. "Conseguimos vencer os últimos quatro torneios de futebol de campo que disputamos, sendo que, na Olimpíada UFU 2014, goleamos nos três últimos jogos. Por isso, sabemos que nosso time está bastante visado, mas vamos em busca de mais este caneco", afirma.

Tentando a carreira no futebol desde os 12 anos de idade, Natal perambulou pelas divisões inferiores de Operário de Monte Carmelo, Atlético Mineiro, Uberlândia e Cruzeiro. Mais recentemente, em 2014, por pouco não assinou com o Orlando City – equipe dos Estados Unidos onde joga o meia Kaká: "fui bem nos testes e queriam me contratar. Só não deu certo por causa da cota de estrangeiros no time, que já estava estourada."

Enquanto a oportunidade profissional não chega, ele segue conciliando o trabalho com os estudos na UFU durante o horário comercial e aproveitando os intervalos para almoço e o período da noite para aprimorar a forma física. Aos fins de semana, chega a jogar até cinco partidas por equipes diferentes do "Amadorão". "Existem casos como o do Elias e o do Leandro Damião, que só surgiram para o futebol já com mais de 20 anos. É o meu grande sonho, o que mais amo fazer e não desisti de ir em busca disso", relata.

Rival de Natal nas quatro linhas e seu amigo fora delas, Gabriel Rodrigues de Carvalho, 18 anos, defende a Atlética Educa na Olimpíada UFU no futsal, no futebol e no tênis. Ele também tentou a carreira nos gramados, com testes no Santos, Botafogo (SP) e Ponte Preta, mas agora está mais focado no curso de Educação Física e na profissão de técnico de futsal – atualmente treina o time sub-10 do Uberlândia.

Segundo Gabriel, em 2015 a Educa vem com tudo para tentar reaver a supremacia no "esporte bretão" na Olimpíada UFU – competição da qual é recordista, com 34 títulos. "Ano passado fomos eliminados nas semifinais tanto no futsal quanto no campo. Agora, estamos mais preparados, com um técnico que já vem montando e organizando o time há três meses e contando com o reforço de alguns calouros que vêm se destacando", garante.

Fique por dentro de todas as informações da Olimpíada Universitária UFU 2015 no site www.esportes.proex.ufu.br

Walewska revela rotina de privações de um atleta olímpico

Um dos principais reforços da equipe do Dentil/Praia Clube, de Uberlândia, para a temporada 2015/2016, a central Walewska possui um currículo de quase 20 anos defendendo a Seleção Brasileira de Vôlei, tendo participado de conquistas importantes, como a das medalhas olímpicas de bronze em 2000 e ouro em 2008 e o vice-campeonato mundial de 2006.

Hoje, uma veterana chegando ao décimo clube da carreira, a jogadora narra uma caminhada de muitos sacrifícios: "quando você decide ser uma atleta de alto nível, as privações são inevitáveis. A família fica um pouco de lado e a vida social é praticamente nula. Você tem que se privar das saídas noturnas, já que o repouso é muito importante. A alimentação idem. Enfim, se consegui chegar aos 36 anos muito bem fisicamente, foi justamente porque construí esta vida no esporte, abdicando de muitas coisas desde os 18".

Os estudos estão entre estas privações. As mudanças constantes de cidade e até mesmo de país impediram que Walewska buscasse um diploma de curso superior. "Tive que parar após a conclusão do Ensino Médio. Infelizmente, o Brasil não está muito preparado para esta conciliação do esporte com os estudos, como ocorre nos Estados Unidos, onde existem universidades que oferecem bolsas para os atletas", exemplifica a jogadora que, no Grand Prix de 2008, foi premiada como a melhor bloqueadora do mundo.

Questionada sobre a possibilidade de alguém que se dedica à rotina acadêmica e está representando o seu curso em uma competição como a Olimpíada Universitária UFU 2015 ainda ir em busca do sonho de se tornar um(a) atleta profissional, a campeã olímpica considera que as chances de sucesso são pequenas, mas não podem ser desprezadas. "Antigamente começávamos mais cedo, mas as meninas que despontaram por volta de 1998 a 2000 são mais velhas. Elas não começaram com 13 ou 14 anos; caíram no vôlei por volta dos 17, 18 anos e deram certo. Claro que são raras as atletas que conseguem isso, mas algumas se dedicaram, acreditaram e hoje estão aí, na Seleção", afirma.

TECNOLOGIA

Login para o conhecimento

Universidade passa a integrar a CAFe; estudantes e servidores podem acessar bases de dados científicas e serviços

Cristiano Alvarenga

O acesso a publicações científicas está mais facilitado aos usuários do webmail da Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Os serviços disponibilizados pela Comunidade Acadêmica Federada (CAFe) já podem ser utilizados pelos servidores da universidade. A realização de pesquisas no Portal de Periódicos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), por exemplo, antes restrito à rede da UFU, será permitido de qualquer lugar, a partir do login e da senha utilizados para acessar o correio eletrônico institucional.

Nesta primeira etapa terão acesso aos serviços as pessoas que realizaram o recadastramento do e-mail institucional e que estão cadastradas no e-mail "@ufu.br". "É uma fase de treinamento e testes. Vamos esperar um período de acomodação, levantar as principais dúvidas e, assim, ter um manual de instruções que vai facilitar a vida do usuário", afirma Pedro Frosi, diretor do Centro de Tecnologia da Informação (CTI/UFU).

A liberação aos demais usuários deve ocorrer em dezembro, quando estudantes e servidores da universidade serão convocados para a atualização de cadastro. A estimativa é de que cerca de 30 mil usuários sejam beneficiados. "Na UFU, o e-mail institucional será a identidade digital", explica Frosi.

O que é a CAFe

É uma federação que reúne instituições de ensino e pesquisa brasileiras que disponibilizam acesso a diversos serviços a partir de um único cadastro. A Rede Nacional de Ensino e Pesquisa (RNP) é responsável pela gestão do serviço e por manter o repositório centralizado com dados sobre os integrantes da federação. O gerente de marketing e relacionamento da RNP, Marcus Vinícius Mannarino, explica a abrangência da CAFe. "Reúne um conjunto de instituições acadêmicas no país. São 57 universidades federais, 35 institutos e outras unidades de pesquisas ligadas ao Ministério de Ciência e Tecnologia".

A UFU atua como provedor de identidade e fica responsável pela manutenção de informações dos usuários e por sua autenticação, enquanto outras instituições têm a atribuição de provedores de serviços, ou seja, oferecem algum recurso ou serviço.

Uma das grandes vantagens da CAFe está no acesso rápido, com apenas um cadastro, a diversas funcionalidades. Além do Portal de Periódicos, os usuários poderão realizar webconferência, consultar e submeter artigos científicos, compartilhar e acessar vídeos educacionais e participar de comunidades científicas colaborativas. O acesso é garantido pelo cadastro atualizado na UFU. "A instituição oferece para a federação a garantia de que o professor, o técnico administrativo ou o estudante tenha um cadastro ativo", explica Mannarino.

Portal de Periódicos

O Portal de Periódicos disponibiliza acesso a 37 mil publicações científicas internacionais e nacionais e também possui em seu acervo uma extensa base de Dados composta de teses, dissertações, normas técnicas, patentes e outras produções relacionadas à divulgação científica.

Para conferir o Portal de Periódicos basta acessar o endereço eletrônico www.periodicos.capes.gov.br, clicar em "Meu espaço", escolher a Instituição (no caso a UFU) e digitar os dados do e-mail (login/senha).

Saiba mais

Outras informações estão disponíveis na página do Centro de Tecnologia da Informação (www.cti.ufu.br).